

Parte 2:

Apresentação.

José Blanes Sala

Como citar: SALA, José Blanes. Parte 2: Apresentação. *In:* POSSAS, Lúcia M. V.; SALA, José Blanes (org.). **Novos atores e relações internacionais**. Marília: Oficina Universitária, 2010. p.133-136. DOI: <https://doi.org/10.36311/2010.978-85-7983-065-5.p133-136>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PARTE II
FLUXOS MIGRATÓRIOS E
INDIVIDUALIDADES: NOVOS ATORES E
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

APRESENTAÇÃO

*José Blanes Sala*¹

O indivíduo tem se revelado um dos inesperados atores no plano internacional, o qual já faz parte hoje do conjunto de novos atores que vinham se consagrando ao longo de decênios, como as organizações internacionais intergovernamentais, as empresas transnacionais e as organizações internacionais não governamentais. No caso dos indivíduos, a sua afirmação como atores tem se consagrado com a cristalização dos direitos humanos e seus foros de demanda, bem como a recente criação do Tribunal Penal Internacional criado para punir condutas individuais especialmente atentatórias à condição humana. No entanto, o exemplo mais flagrante de sua quotidiana atuação internacional, de forma decisiva, são os fluxos migratórios que atravessam as fronteiras. Nesta mesa-redonda, conforme comprovam os temas dos palestrantes, pretende-se mostrar a sua influencia no mundo institucional, nas políticas públicas de segurança dos Estados e até mesmo nas tentativas de participação democrática dos próprios migrantes. Assim o comprova entre nós a recente XVI Cúpula

¹ Professor Doutor do Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp – Campus de Marília. Mestre e Doutor em Direito Internacional pela Faculdade de Direito da USP.

Ibero-americana celebrada em Montevideu, em novembro de 2006, ao colocar as migrações como primeiro ponto da sua pauta de preocupações para o presente milênio.

As migrações constituem uma realidade e um desafio de complexidade crescente, que requer abordagem pelos Estados com um enfoque multidisciplinar no marco da cooperação internacional para o desenvolvimento. Os países de origem, trânsito, e destino devem assumir a responsabilidade que lhes corresponde em matéria migratória. É necessário abordar, na Agenda Ibero-Americana, o tema da migração desde uma perspectiva integral, pois a migração é uma realidade transversal que guarda estreita relação com a falta de desenvolvimento, o desrespeito aos direitos humanos, a pobreza, os desastres naturais, a instabilidade política, a busca de melhores condições de vida, a iniquidade na distribuição da riqueza e a falta de oportunidades para o desenvolvimento humano, que são causas que a provocam. A geração de condições sócio-econômicas inclusivas que permitam superar as condições de pobreza em que vivem os setores importantes da população contribuiria a evitar fluxos migratórios não controlados. É vital que os países em desenvolvimento e as agências financeiras internacionais e de cooperação contemplem iniciativas para a promoção de projetos de desenvolvimento com especial atenção para as comunidades mais vulneráveis e excluídas. (Tópicos 3 e 5 do Compromisso de Montevideu sobre Migrações e Desenvolvimento dos Chefes dos Estados e de Governo da Comunidade Ibero-Americana).

No ano seguinte, em maio de 2007, têm lugar em Morelia, no México, a Primeira Cúpula de Comunidades Migrantes Latino-Americanas. Trata-se de um encontro de organizações de migrantes latino-americanos, cujo objetivo é fortalecer o posicionamento das referidas organizações como um coletivo de protagonistas-chaves em função do desenvolvimento de comunidades saudáveis, tanto nos lugares de destino, como de origem das migrações. Os participantes da Primeira Cúpula denunciaram o aumento da desigualdade econômica nos últimos anos, a qual se tornou um verdadeiro ataque às populações migrantes, pois muitos agentes das sociedades dos países de acolhida assinalam os estrangeiros como culpáveis deste deterioro econômico. Neste sentido solicitam-se políticas públicas de inclusão, bem como a adoção de legislação que não se baseie na premissa de que os migrantes resultam uma ameaça.

Verifica-se, portanto, que não apenas os Estados se mobilizam para enfrentar o problema, como os coletivos afetados se organizam no plano das relações internacionais no sentido de influir neste processo. Os temas a seguir apresentados nesta mesa estão perfeitamente dirigidos a mostrar esta realidade. Inicialmente o artigo do professor Odair da Cruz Paiva, com longo conhecimento e prestígio nesta área, graças à sua formação na área de História, nos mostra o impacto das migrações pós-segunda guerra mundial, deixando um rasto de exclusão social e intolerância que até hoje vêm se manifestando de forma crescente. A seguir, o interessante trabalho da socióloga, professora Adriana Capuano de Oliveira, cujos estudos sempre contêm uma elevada dose de pesquisa de campo e de profundidade na reflexão, nos ensina como os Estados ditos desenvolvidos absorvem a dimensão do problema. A imagem de “invasão” da civilidade, a qual traduz uma mentalidade claramente discriminatória, torna a política migratória uma questão de segurança passando inclusive a formar parte da agenda das políticas externas no controle das suas fronteiras territoriais. Finalmente, o instigante texto do pesquisador Elson Menegazzo, o qual faz parte de um trabalho científico na área da ciência política de grande originalidade e percuciência que vêm desenvolvendo nos derradeiros meses. Nos mostra ele que os migrantes internacionais e seus descendentes têm exercido, nos últimos anos, uma influente participação nos seus países de origem, em virtude da representatividade política reconhecida mediante a realização de eleições no exterior. Uma forma inusitada dos migrantes estarem ainda presentes nos países de origem, a qual trará, certamente, sérias conseqüências no âmbito político, tanto nacional quanto internacional, podendo influir em políticas externas e mentalidades.

Para concluir esta apresentação creio oportuno transcrever um trecho do Relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais, lançado em outubro de 2005, onde se consegue sintetizar, de forma bastante acertada a dimensão do fenômeno, foco de estudo desta mesa.

Em muitas sociedades, os cidadãos têm vindo a mostrar preocupações, tanto legítimas como infundadas, acerca da chegada de pessoas de outros países e culturas. Em todo o mundo os meios de comunicação relatam constantemente histórias relacionadas com os migrantes e as migrações, muitas delas mais viradas para os aspectos sensacionalistas e negativos da questão. As migrações mostram ser uma questão politicamente explosiva num número significativo de países, na medida em que parecem ter tido um papel importante na determinação do resultado de vários processos eleitorais. O discurso sobre as migrações está, assim, muito radicalizado aos níveis nacional, regional e mundial, com poucas bases comuns entre os diferentes eleitorados com interesse na matéria.

Não devemos ficar surpreendidos nem desanimados com esta situação. As migrações internacionais constituem uma questão emocional porque levantam dúvidas complexas acerca da identidade e valores dos indivíduos, dos lares e das comunidades, bem como das sociedades como um todo. São um assunto controverso porque levantam questões importantes acerca da identidade nacional, da igualdade no mundo, da justiça social e da universalidade dos direitos humanos. As políticas sobre migrações internacionais são difíceis de formular e implementar porque envolvem a movimentação de seres humanos, atores voluntários preparados para fazer sacrifícios e correr riscos de forma a realizarem as suas aspirações. Os desafios levantados são radicalmente diferentes daqueles suscitados pela gestão de capitais, bens ou informações.

Considero muito feliz a expressão “atores voluntários” para definir o papel dos migrantes num mundo globalizado. Muito além da gestão de bens materiais ou imateriais, a livre movimentação de determinadas pessoas dispostas a sacrifícios e riscos neste deslocamento é uma realidade que exige não apenas o nosso estudo, como o nosso engajamento na busca de melhores soluções para a vida em sociedade